

**Educação popular em Ribeirão das Neves:
Trajetória de formação docente a partir da experiência na educação de adultos**

**Popular education in the city of Ribeirão das Neves:
Trajectory of teaching training from an experience in adults education**

Roselita Soares de Faria¹
Aparecida Dias Terras Gomes²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência com educação popular realizada em Ribeirão das Neves entre os anos de 1993 a 1998. Essa educação evidencia-se como o principal meio para a formação da práxis docente e da relação empática entre educadoras e seus educandos e educandas. Além disso, destaca-se também a sua importância como o principal acesso à aprendizagem da leitura e escrita em um bairro de Ribeirão das Neves, que tem sua formação caracterizada pela ocupação do espaço geográfico por famílias chefiadas por mulheres com pouca ou nenhuma escolarização, advindas de diversas localidades de Minas Gerais à procura de trabalho e de melhores condições de moradia. Ao longo do relato, marcam-se as condições sociais, a busca pela dignidade, os espaços de socialização e o papel da igreja em promover a educação para adultos no meio popular, e as transformações ocorridas na oferta dessa educação, ao longo do tempo, no referido bairro.

Palavras-chave: Educação popular. Formação docente. Alfabetização de adultos.

ABSTRACT

This article presents one report of popular education in the city of Ribeirão das Neves from 1993 to 1998. This education evidences as main means of teaching training of praxis and the empathic relationship between educators and students. Furthermore stands out its importance as the main access to learning of reading and writing in a Ribeirão das Neves neighbourhood whose formation is featured by occupation of the geographic spaces of families commanded for women with little or no education from another places of Minas Gerais State, for seeking employment and better living conditions. Throughout the report highlights social conditions, search by dignity, espace for socialization and the role of the church further education for adults, in the folk keeping, the changes held of education supplies, throughout in the neighbourhood.

Keywords: Popular Education. Teacher training. Adults literacy.

INTRODUÇÃO

Os cursos de licenciatura das diversas instituições formam os professores, conferem-lhes diplomas e, muitas vezes, os iniciam na profissão docente. Não se pode esquecer, no entanto, que muitos educadores de hoje passaram pela educação popular. Esta também constitui uma grande escola de formação de educadores. Essa formação se dá na relação empática entre

¹ Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Básica. Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte na E. M. "Gracy Vianna Lage". E-mail: rfroselilta36@gmail.com.

² Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Professora da Rede Estadual do Espírito Santo no CEEFMTI "Manoel Duarte da Cunha". E-mail: cidaterras@hotmail.com.

os sujeitos, educadores e educandos, na construção da experiência. A formação do educador passa, assim, pelas questões que fazem parte de um processo pedagógico humanizante. Ambos se permitem ser afetados, reconhecem-se um no outro e em suas histórias. É uma experiência como essa que será relatada aqui.

O presente trabalho tem como objetivo trazer para os dias atuais uma experiência de educação popular realizada em Ribeirão das Neves, ocorrida entre os anos de 1993 a 1998, na tentativa de que esta história não se perca na memória daqueles que a construíram e dela fizeram parte. Trata-se de uma experiência que conseguiu alfabetizar um número aproximado de 200 pessoas com o método Dom Bosco de alfabetização de adultos e outras estratégias pedagógicas com base freireana. Foi uma experiência importante para a comunidade na época e que nos dias atuais ainda é lembrada pelas pessoas participantes. Ao mesmo tempo, essa experiência foi essencial para a formação inicial de educadoras que dela fizeram parte. Os fatos se entrelaçam com a história de vida da professora/pesquisadora que busca, na sua prática, no processo de educação popular, os seus primeiros passos para a sua constituição como docente.

Este trabalho será dividido em três partes. Na primeira parte, trata-se do contexto da experiência com foco no processo de ocupação do espaço geográfico do bairro onde a experiência se deu, com foco nas necessidades das pessoas que ocupam aquele espaço e os processos que desenvolvem na localidade. Na segunda parte, descrevem-se os processos pedagógicos da educação de adultos, tanto em sala de aula como na vida social do bairro. Na terceira parte serão abordados alguns traços da realidade atual do bairro em paralelo com a experiência relatada. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

1 O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

Ribeirão das Neves é o município mais pobre e populoso da região metropolitana de Belo Horizonte (SOUZA, 2008, p. 23). Sua constituição como cidade é marcada pela construção de unidades prisionais. Essas unidades foram determinantes para a ocupação do município abrigando familiares dos detentos e funcionários. O governo do estado de Minas Gerais decidiu pela construção dessas prisões na cidade. Seus moradores ou até mesmo a administração municipal pouco puderam opinar a respeito da construção dos presídios. Por volta da década de 1970, a ocupação da cidade se intensificara por meio do crescimento de Belo Horizonte para o vetor norte, impulsionado pela região da Pampulha e da cidade universitária (SOUZA, 2008, p. 55).

Os loteamentos de menor valor, comparado com outras localidades da região metropolitana e de Belo Horizonte, atraem as pessoas, principalmente para a região de Justinópolis, distrito de Ribeirão das Neves. No entanto, os serviços públicos não crescem na mesma proporção do crescimento da população. Apesar de a região não oferecer oportunidades de trabalho, ela passa a ser opção para aqueles que buscam residir próximo da capital e conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

Na década de 70, houve um aumento considerável no crescimento da população. Os loteamentos não contavam com uma fiscalização, sendo assim, em muitos casos, a ocupação dos espaços se deu sem um planejamento urbano. A falta de planejamento acaba por constituir um grande impacto para a dignidade das pessoas que passaram a residir nesses loteamentos sem as condições necessárias para uma qualidade de vida.

Ribeirão das Neves possui vários estigmas. É comumente conhecida como “cidade presídio”, “cidade dormitório” e, em uma publicação oficial do governo do estado, foi chamada de “Ribeirão das Trevas”. Possui, assim, uma visão negativa entre a população e possíveis investidores (SILVA; STEPHAN, 2015, p. 130). Contudo, as famílias que residiam e residem nessa cidade buscavam e buscam melhores condições de vida e trabalho.

Mesmo sendo procurada pela relativa proximidade com a capital mineira, Neves possui o pior índice de mobilidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte e o 8º pior, considerando as Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo (TÔRRES, 2018, p. 6). A população está em constante luta por melhores condições de transporte e mobilidade urbana. Essa luta é com frequência noticiada pelos meios de comunicação. As soluções encontradas, por exemplo, a construção do Terminal Justinópolis, que centralizou a maior parte das saídas de ônibus do transporte coletivo para Belo Horizonte, não resolveu o problema de mobilidade da população e, em muitos casos, até piorou devido ao pouco número de ônibus para o terminal e do terminal para os bairros.

Mariana Abreu Tôrres (2018) destaca que o problema da falta de mobilidade urbana é um problema de classe que intensifica processos de segregação socioespacial (TÔRRES, 2018, p. 4). Portanto, aqueles que procuravam a cidade pela proximidade com a capital e as chances de trabalho vivem no dilema do transporte público precário, no qual boa parte do dia é gasto com o deslocamento da residência ao trabalho e vice-versa. O problema se torna ainda maior durante os finais de semana. A falta de uma política de transporte eficiente impede a mobilidade da população para outras práticas sociais, dificultando o acesso ao lazer, ao esporte e à cultura. Mesmo que o transporte público seja feito dentro do próprio município, há dificuldades de mobilidade de uma região para outra. Assim, há também uma falta de integração entre as regiões de Ribeirão das Neves.

A população de Ribeirão das Neves é formada por pessoas de diversas regiões de Minas Gerais e outros estados. Essas pessoas, primeiramente vieram para Belo Horizonte e, por fim, foram morar em Ribeirão das Neves devido ao acesso à moradia mais em conta. As famílias que chegaram e chegam à cidade foram e são em sua maioria chefiadas por mulheres que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola ou aprender a ler e escrever na infância ou juventude.

Sabendo-se que emigração de Belo Horizonte para Ribeirão das Neves é predominantemente familiar, que os domicílios chefiados por mulheres estão aumentando não apenas na RMBH, mas em praticamente todo o país, e que a chefia feminina parece mais comum entre as mulheres mais pobres e com baixo nível de escolaridade, o alto índice de analfabetismo feminino permite inferir a existência de uma elevada participação de mulheres chefes de domicílio nesse fluxo (SOUZA, 2008, p. 160).

Segundo Joseana Souza (2008), entre as pessoas que se mudaram para Ribeirão das Neves nos anos de 1986 a 1991, há um índice de 12,8% de analfabetismo, chegando a 16% entre as mulheres (SOUZA, 2008, p. 160). Utilizando dados do IBGE, a pesquisadora fez um comparativo do grau de alfabetização dos imigrantes intrametropolitanos provenientes de Belo Horizonte que mudaram para Ribeirão das Neves com idade igual ou superior a 20 anos, de acordo com o sexo. Entre os anos de 1986 a 1991, o grau de analfabetismo era de 90,49% entre 7.581 homens e 83,86% entre 7.485 mulheres. Já no período de 1995 a 2000, foram 93,52% de não alfabetizados entre 9.929 homens e 92,63% de não alfabetizados entre as 10.121 mulheres. Esses dados revelam a relação entre condições socioeconômicas e analfabetismo. Talvez, se políticas sólidas de educação de adultos tivessem sido implementadas, poderia haver uma elevação também dos níveis socioeconômicos das famílias.

Moacir Gadotti (2008) destaca que as altas taxas de analfabetismo no Brasil é o reflexo da pobreza e da negação de um direito fundamental à educação (GADOTTI, 2008). E que investimentos em educação precisam ser acompanhados de investimentos em políticas sociais. No caso de Ribeirão das Neves, as taxas de analfabetismo, acrescidas da falta de investimentos públicos em moradia, saúde, transporte, somavam-se a um cenário de perpetuação de pobreza e das consequências geradas a partir dela: aumento da violência, fome e morte, contribuindo para manterem todos os estigmas atribuídos à região.

Observa-se quanto urgente e necessário era e ainda é o investimento em políticas sociais, em especial políticas que se dedicam à educação de adultos. Tais políticas apresentam impactos no aumento da escolarização das mulheres e, conseqüentemente, das próximas gerações. No entanto, essa demanda não contou com uma ação adequada no município estudado. Um exemplo dessa falta de investimentos em políticas para elevação da taxa de escolaridade entre os adultos é apresentado no histórico de atendimento educacional para adultos no bairro Botafogo e adjacências. A primeira iniciativa de educação de adultos foi ofertada pela igreja local, como será demonstrado neste relato de experiência.

Mas que interesse despertaria uma região de famílias de detentos chefiadas por mulheres com pouca ou nenhuma escolaridade? Que interesse os governantes teriam por uma área de quilombos longe do grande centro da capital mineira? O interesse foi e é em apenas encontrar um local para colocar seus presos e esquecê-los juntamente com tudo que estiver ao seu redor. Por isso, a segregação socioespacial do local permanece até hoje.

A educação popular tem, portanto, um papel importante nessa realidade na geração de processos de emancipação e conscientização. Até porque essa população não espera passivamente que sejam lembrados, mas busca no dia a dia a sua cidadania, construindo espaços, reinventando caminhos.

2 A EDUCAÇÃO POPULAR

O analfabetismo já foi visto como uma “chaga nacional” a ser erradicada (GADOTTI, 2008). O povo brasileiro era visto como portador de uma doença que precisava ser curada. A cura era necessária para que as pessoas cumprissem com o seu papel na república, ou seja, votar. Para isto, no entanto, era necessário ser alfabetizado. Contudo, até o ano 2000, para fins censitários, ser alfabetizado era ler e escrever um bilhete simples (FERRARO, 2002). A educação popular vem trazer outros significados para o ato de ler e escrever e para a alfabetização.

No avanço educacional brasileiro, a educação popular ocupa um papel muito importante. Em muitos lugares, ela chegou antes do Estado e contribuiu para a elevação dos níveis educacionais da população, como apresenta este relato de experiência.

A educação popular tem seus contornos desenhados com a finalidade de fazer ouvir a voz de mulheres e homens atuantes na história, uma educação reconhecida “como prática da liberdade” (FREIRE, 1967, p. 43). Prática que se expressa mesmo nas condições sociais mais adversas. É esse ser e estar no mundo que gera o saber base para o reconhecimento de si como ser e fazedor de cultura. Aquelas pessoas que se sentiam inferiorizadas descobrem, pelo processo educativo, que são constituídas de saberes, que podem atuar nas formas injustas das histórias e contar outras histórias e atuar no presente tendo em vista outro futuro. Geram-se, assim, as palavras carregadas de significados na luta diária, na vida social. Uma educação que se preocupa com a descolonização para que, por meio dela, as pessoas se colocassem “numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço” (FREIRE, 1967, p. 43).

Sendo assim, um grupo que tem acesso à educação vai despertando no outro um conjunto de forças que levam a surgir, nos meios populares, a educação popular. Essa educação nasce também no interior dos movimentos sindicais operários como uma educação voltada para os interesses do povo, o que a propagou em ambientes não formais (GADOTTI, 2008, p. 34). Ainda segundo Moacir Gadotti (2008), a educação popular representa uma história de luta pela liberdade contra o autoritarismo e os regimes de exceção da América Latina, “autonomia e pelo desenvolvimento autossustentado, que valoriza a participação cidadã e sua emancipação histórica” (GADOTTI, 2008, p. 35).

A educação popular tem seus primórdios no Brasil nos círculos de cultura. As primeiras experiências de Paulo Freire, em Pernambuco, rumo à constituição de sua práxis uniram

iniciativas do ensino superior e políticas locais atentas às necessidades e à realidade das pessoas marginalizadas. Também Paulo Freire, ao constituir a experiência de alfabetização de adultos em Angicos, constrói um processo de alfabetização de adultos não a partir de experiências alheias a realidades daquelas pessoas com práticas desprovidas de sentido, mas o que se desvenda é a importância da própria cultura como saber. Surgem ali os elementos para constituição da aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, a educação popular vai muito além da alfabetização, “mas torna-se a palavra-chave de um projeto político de transformação social a partir das próprias culturas dos trabalhadores e outros sujeitos sociais” (BRANDÃO, 2009, p. 49).

Paulo Freire (1989) vai reafirmar que não há prática pedagógica neutra e que acreditar que exista uma neutralidade da educação é se pautar de uma prática ingênua:

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática “astuta” e outra crítica (FREIRE, 1989, p. 15).

A educação, portanto, é feita para sujeitos concretos por sujeitos concretos que existem e coexistem em um espaço histórico e geográfico, que carregam saberes. Não há como dissociar vida e educação, política e educação.

Paulo Freire (1989) entende, assim, que a relação educador e educando precisa se pautar pela perspectiva do diálogo, da palavra e da escuta como forma de instaurar uma educação libertadora. É necessário, portanto, dar voz ao educando desenvolvendo um processo no qual o sujeito reconheça a sua própria voz. Essa voz surge na experiência de mulheres e homens embrenhados na realidade vivida. Sendo assim, desenvolver um processo de alfabetização não é algo mecânico, mas dinâmico. Alfabetizar envolve criatividade, criticidade e empatia. Envolve olhar para a realidade, e nela, no diálogo com os seus, buscar o conhecimento necessário para identificar os sinais de injustiça, os sinais que permitem desvelar o mundo e nele agir de forma consciente. Assim resume Freire sobre a alfabetização de adultos:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra (FREIRE, 1989, p. 19).

Nessa visão, o ato de aprender a ler e escrever está ligado à atitude de ler e compreender a realidade e as relações que nela se desenvolvem. A alfabetização está associada ao processo de conscientização que mobiliza mulheres e homens a atuarem nessa realidade, modificando-a.

Pedro de Carvalho Pontual (2019) resume assim a importância da educação popular na atualidade:

[...] entendida como uma concepção política, pedagógica e ética das práticas educativas, tem a missão de contribuir para a construção de uma cidadania ativa e transformadora a partir do exercício da democracia participativa, objetivando um modelo de desenvolvimento integral promotor da justiça social, da inclusão social com equidade de gênero e étnico-racial, da sustentabilidade e da superação de todas as formas de violência e discriminação (PONTUAL, 2019, p. 163).

O autor mostra, assim, a atualidade também do pensamento de Paulo Freire e a importância da educação popular como resposta a antigas e novas demandas a favor da vida nas

suas várias dimensões. Mostra-se, assim, também o papel do educador nesse contexto de educação que visa ao desenvolvimento integral dos educandos. Esse educador precisa de uma formação inicial e contínua para trabalhar com essas dimensões da educação popular.

3 INICIATIVA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM RIBEIRÃO DAS NEVES: PROCESSOS DE RE EXISTÊNCIA

O bairro Botafogo foi criado na década de 1960. Em 1970, teve um crescimento considerável, algumas famílias chegaram à região atraídas pelo valor dos lotes oferecidos. Algumas teriam sido indenizadas por residirem em vilas e favelas de Belo Horizonte que deram lugar para construção de grandes avenidas como a Avenida Tereza Cristina, no bairro Nova Suíça, por exemplo. Essas famílias traziam também seus costumes das cidades do interior de Minas Gerais. Esses costumes se refletem nos quintais dos lotes que, antes, tinham em média 360 metros: plantas, árvores frutíferas, hortas, pequenas criações. Alguns eram descendentes de indígenas, principalmente da região do vale do Rio Doce e do Espírito Santo. Apesar de não se reconhecerem como indígenas, deixavam “escapar” nos diálogos tecidos nas atividades da alfabetização de adultos uma identidade indígena e/ou africana escondida na memória.

Diante das necessidades de trabalho e renda, de tantas adaptações ao novo espaço, surge também a urgência de aprender a ler e escrever. Nesse contexto, aparece a igreja católica. No bairro havia a atuação marcante das irmãs religiosas da Companhia de Maria, dos padres e seminaristas jesuítas. Esses religiosos organizaram a população do bairro para a construção da igreja por meio de várias atividades e realizam um trabalho social importante para amenizar tantas precariedades da região. A igreja foi construída por meio de mutirão, com uma boa estrutura para a realização das mais variadas atividades pastorais/religiosas e sociais.

Por fim, a igreja católica, comunidade Rainha da Paz, e outras duas igrejas evangélicas: Assembleia de Deus e Metodista, foram construídas bem próximas umas das outras, acabam por se constituírem nos principais espaços de sociabilidade do bairro, concorrendo com os pequenos bares e os campos de futebol. Essas organizações ficavam no entorno do que se poderia chamar de praça, uma rotatória de terra batida. Havia, também, alguns núcleos de religiões de matriz africana. Na época, as pessoas comentavam com certa discrição sobre esses espaços, no entanto, era sabido que muitos que frequentavam as igrejas da praça também frequentavam os espaços destinados aos cultos de origem africana.

A escola pública estadual do antigo 1º grau, hoje ensino fundamental, foi construída em 1986. Isto permitiria que a juventude que crescia no bairro estudasse um pouco mais que seus pais. A escola funcionava em quatro turnos. As professoras chegavam a almoçar em sala de aula, pois não havia intervalo de um turno para o outro. As salas lotadas demonstravam a grande demanda por educação, apesar de ter 14 salas de primeiro ano, oito anos depois da inauguração da escola, havia apenas duas salas da antiga 8ª série. Não havia turmas de Educação de Jovens e Adultos. Os alunos do 7º e 8º ano eram atendidos no turno das 19 horas às 23 horas.

A experiência de alfabetização de adultos inicia-se nesse contexto quando um seminarista jesuíta chamado Loivo José Mallman, que trabalhava na Comunidade Rainha da Paz, com a pastoral de Fé e Política, convida duas estudantes do primeiro ano do curso de magistério nível de Ensino Médio (antigo 2º grau) para trabalhar com alfabetização de adultos na comunidade. Esse seminarista possuía contato com a Fundação São João Bosco para a Infância, que, na época, promovia a formação para alfabetizadores de jovens e adultos.

As professoras fizeram o curso de formação de alfabetizadores e aprenderam o método Dom Bosco de Educação de Base. Nos certificados constam duas partes do curso. A primeira era para a formação inicial de monitores em Alfabetização de Jovens e Adultos pelo Método Dom Bosco de Educação de Base. A segunda parte era destinada à formação de alfabetização e leitura continuada. No final, a formação totalizou 34 horas de atividades. Parecia pouco, mas era o que se tinha para começar um trabalho tão aguardado na região.

Logo que foram divulgadas as aulas, apareceram muitas pessoas interessadas. Uma sala de aula não foi o suficiente. No espaço comunitário da igreja, havia duas salas disponíveis. A igreja possuía um espaço adequado para as atividades, com boa ventilação e iluminação, quadro de giz, cadeiras e mesas, banheiros feminino e masculino. No mesmo espaço, na terceira sala, aconteciam as reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

Nos primeiros dias, as duas professoras trabalharam juntas na mesma sala, mas logo, com o grande número de educandos, foi viabilizada a utilização da outra sala. Nas salas, havia pessoas de todas as idades, muitas não tiveram oportunidade de frequentar uma escola. Era um trabalho essencialmente de alfabetização. Muitas alunas eram empregadas domésticas e os homens, na sua maioria, trabalhavam na construção civil. Havia também pessoas com deficiência intelectual e deficiência física, como cadeirantes. Era uma diversidade de público unida pela vontade e pela necessidade de aprender a ler e escrever. Todos os dias, das 20 às 22 horas, as educadoras e os educandos se reuniam.

O método Dom Bosco foi utilizado, inicialmente, tendo como foco palavras-chave aliadas ao traço de um desenho, a letra surgia por meio do desenho da palavra-chave: tatu, panela, faca. A cada palavra um debate acerca da realidade social pela qual cada um passava e a necessidade de superar aquela situação, fazer a leitura da realidade.

Não havia outras experiências de alfabetização naquele bairro ou outras iniciativas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) até então. Passaram a vir pessoas dos bairros vizinhos e as salas permaneceram cheias. Aos poucos, as professoras foram adquirindo confiança, estudando e aprendendo outras metodologias, como o método Paulo Freire e o significado dos círculos de cultura. Elas chegaram ao ensino superior no curso de Pedagogia, no qual foram ampliando o repertório epistemológico para o trabalho com alfabetização de jovens e adultos.

4 O BAIRRO COMO SALA DE AULA

Israel Pacheco Júnior e Michelangelo Marques Torres (2009), refletindo sobre a experiência de Paulo Freire, destacam que a Educação Popular é aquela comprometida com os anseios do povo (2009, p. 25). Naquele bairro em que os aparelhos públicos de atendimento à população se resumiam somente à escola, as igrejas, com suas ações sociais, contribuíram para a mobilização das pessoas acerca de dificuldades sofridas.

Ao lado da igreja Rainha da Paz, aconteciam também as atividades da Comunidade Kolping, organização religiosa de origem alemã, que promovia muitos eventos esportivos no bairro e cursos profissionalizantes. A comunidade Kolping tinha um espaço próprio que, aos poucos, foi sendo estruturado e, na época, era conhecido por muitas pessoas também nos bairros vizinhos por oferecer o curso de datilografia. Um dos eventos esportivos esperados era o passeio ciclístico que era realizado no Dia do Trabalhador.

Pela própria organização dos moradores, por meio das igrejas aconteciam várias possibilidades formativas, a igreja católica era a que mais se destacava. As igrejas promoviam vários eventos de diversas ordens, não estritamente religiosos. Não muito longe da praça do bairro Botafogo, existia e ainda existe a Igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Na época e ainda hoje é conhecida por suas belas festas. Hoje, se sabe que ali é preservada a cultura de um povo vindo de muito longe. Seus sentidos e significados eram como que velados, assim como os terreiros de candomblé do bairro e adjacências que tinham católicos e evangélicos como frequentadores, mas que pareciam mais sociedades secretas para aqueles que só ouviam falar desses grupos e seus encontros.

As igrejas constituíam espaços de socialização importantes que reuniam pessoas vindas de tantos lugares, de tantas histórias. Essas pessoas buscavam aqui uma esperança de uma vida melhor na conquista de um lote de terra. Nesses lotes, reconstruíram um pouquinho dos lugares de onde vinham, um pouquinho da roça nas plantas, nas árvores frutíferas, nos pés de manga,

na criação de porco, galinha e pato. Hoje, surgem em vários pontos de Ribeirão das Neves vários condomínios de apartamentos, o que parece ser um negócio lucrativo para aproveitamento de pequenos pedaços de terra. Questiona-se, assim, como será o futuro com tantas pessoas vivendo em espaços geometrizados tão pequenos.

Todos, independentemente de religião, também se encontravam nas salas das aulas de alfabetização de adultos e discutiam como melhorar o bairro e a vida da comunidade, falavam dos seus percursos e percalços de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Falavam também dos lugares distantes de onde vinham. Essa cidade era assim, para muitos, um grande quilombo daqueles que, enfim, buscavam a liberdade. Existiam também nessas salas, em outros horários, outras atividades como reuniões do conselho comunitário e catequese. No andar de cima das salas, existia um salão, no qual eram realizadas as confraternizações de final de ano de diversos grupos, almoços comunitários e as festas de encerramento de ano, bem como várias outras atividades. A cooperativa do pão também funcionou, por algum tempo, nesse salão. Do outro lado, havia um conjunto de salas específicas para os encontros da Pastoral da Criança, dada a importância dessa pastoral para a comunidade. Toda essa construção só foi possível graças aos mutirões realizados com a participação de muitos moradores, nem sempre frequentadores da igreja. O dinheiro era arrecadado das diversas festividades e promoções comunitárias realizadas: leilões, barraquinhas, bingos e outros festejos.

As professoras moravam no bairro, faziam parte da vida social do lugar que girava em torno dos eventos da igreja, encontravam os educandos nas ruas. Faziam parte de uma só comunidade. Elas estavam em formação no curso de magistério e a relação com a prática docente se fazia com os jovens, adultos e idosos.

Paulo Freire afirma que “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996). É nessa relação de compreensão do outro, não como distantes, mas como participantes de uma mesma comunidade, que todos se aproximavam da leitura e da escrita. O professor Miguel Arroyo (2006), no aprofundamento das especificidades da EJA, disse ser fundamental ter como ponto de partida para composição da prática pedagógica a identidade dos educandos. A identidade das professoras se entrelaça com a identidade dos educandos. Muitos de seus familiares foram atendidos por elas: eram seus pais, tias, amigos. Quem estudava um pouco mais, ensinava a quem não teve esse direito respeitado.

Era necessário que a prática pedagógica para aqueles que não foram escutados tivesse naquele momento o papel de reconhecer as vozes e as pessoas por trás das vozes. Assim, reconheciam-se mutuamente, professoras em busca da construção de uma prática profissional e educandos em busca de uma voz no meio de tantos silenciamentos impostos pelas condições sociais.

Em tempos de campanhas de alfabetização de adultos, em 1996, a prefeitura de Ribeirão das Neves assumiu aquelas duas turmas como um projeto vinculado à prefeitura. As professoras passam a receber um salário e são registradas como professoras, erradicação do analfabetismo era a função escrita nos contracheques. Naquele momento, a prefeitura pagava também a um supervisor para acompanhar as atividades. Em menos de um ano, a prefeitura deixa o subsídio do projeto e as professoras voluntariamente continuam o trabalho. Com o passar dos anos, uma dessas primeiras professoras deixa o projeto para seguir sua vida profissional. A outra continua até 1997, quando, em 1998, outras professoras assumem e, sem encontrar auxílio financeiro, as atividades cessam, nesse mesmo ano.

Atualmente, atendendo ao bairro Botafogo e adjacências, a prefeitura de Ribeirão das Neves oferece a EJA do Ensino Fundamental em uma escola de Educação Infantil que funciona em um espaço alugado. Na igreja católica, as salas que antes atendiam tantas atividades sociais não existem mais, foram derrubadas para aumentar o espaço do templo da igreja. Somente as salas da Pastoral da Criança e o espaço da Obra Kolping existem hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada tem reflexos nas histórias de vida das pessoas que dela participaram. Muitas ali tiveram a primeira oportunidade de ler seu primeiro texto. Pessoas de diversos lugares se encontraram nas suas potencialidades e fragilidades naquelas salas de aula, tanto educandos como educadoras. As professoras tiveram a oportunidade de ter seus primeiros alunos: empregadas domésticas, trabalhadores da construção civil, vizinhos, ambulantes, comerciantes locais, amigas e amigos de atividades pastorais, familiares.

Atualmente, as salas de aula onde aconteciam as atividades de educação de adultos não existem mais, eram salas bem estruturadas construídas com as promoções sociais da igreja. Para ampliação do templo da igreja, o conselho comunitário optou pela demolição do espaço onde as salas estavam. Isto reflete uma mudança nas prioridades e no caráter das atividades da igreja católica, no bairro demonstrado, pela diminuição de atividades de cunho educativo e social e pela diminuição da presença e do trabalho dos religiosos no local.

A prefeitura de Ribeirão das Neves oferece a EJA, mas em salas de uma escola de Educação Infantil, que funciona em um espaço alugado. Tendo em vista que, no período em que se deu a experiência relatada, o grande número de pessoas não alfabetizadas, as políticas de educação de adultos continuam sendo frágeis e com poucos investimentos.

Agora, depois de 26 anos do início dessa mobilização em prol da aprendizagem da leitura e da escrita, fica a reflexão de que essa experiência na educação popular contribuiu para o processo formativo das professoras como a primeira experiência docente. Fica também evidente como a experiência relatada foi uma iniciativa importante para a elevação dos níveis de aprendizagem das pessoas que foram morar naquele bairro e, por alguns anos, foi uma oportunidade para adultos terem a possibilidade de aprender a ler e escrever.

Apesar dos filhos desses primeiros moradores terem maiores oportunidades de acesso à educação, a realidade dessas famílias talvez fosse diferente no que diz respeito à cidadania e aos direitos respeitados das mulheres e dos homens daquela comunidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: SOARES, L. *Formação de Educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica; SECADMEC; UNESCO, 2006. Disponível em:

http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf. Acesso em: 24 jun. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. *Cultura Rebelde: Escritos sobre educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2009.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação & Sociedade [on-line]*. 2002, v. 23, n. 81. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/r9WxgNdxFvRLXYfbxCLyF5G/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 03 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)- 49 páginas. Disponível em ://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/5.-Educação-como-Prática-da-Liberdade.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *MOVA, por um Brasil Alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

PACHECO JÚNIOR, Israel; TORRES, Michelangelo Marques. *Atualidade do pensamento de Paulo Freire na Educação Popular*. In. *Educação Popular na perspectiva freireana*. (org.). Raiane Assumpção (org.). São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2009.

OSMAR, H. R. S.; STEPHAN, I. I. C. SEGREGAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: o estigma de Ribeirão das Neves/MG. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 3, n. 2, p. 128 – 144, maio/ago. 2015. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_revista5175-revista-políticas-públicas--cidades. Acesso em: 03 maio 2021.

PONTUAL, Pedro Carvalho. Educação popular e participação social: desafios e propostas para hoje. In. CÁSSIO, Fernando. *Educação contra a barbárie*. (org.). São Paulo: Boitempo, 2019.

SOUZA, Joseana. *A Expansão Urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O Caso Específico do município de Ribeirão das Neves*. Dissertação de Doutorado, Belo Horizonte, MG. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências. Econômicas – UFMG, p. 194, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AMSA-7FNJKN/1/tese_joseane_2008.pdf. Acesso em: 03 maio 2021.

TÔRRES, Mariana Abreu. Quando o ônibus não passa: transporte e exclusão social em Ribeirão das Neves. Ponto Urbe [On-line]: *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 23, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/4981#article-498>. Acesso em: 03 mai. 2021.